

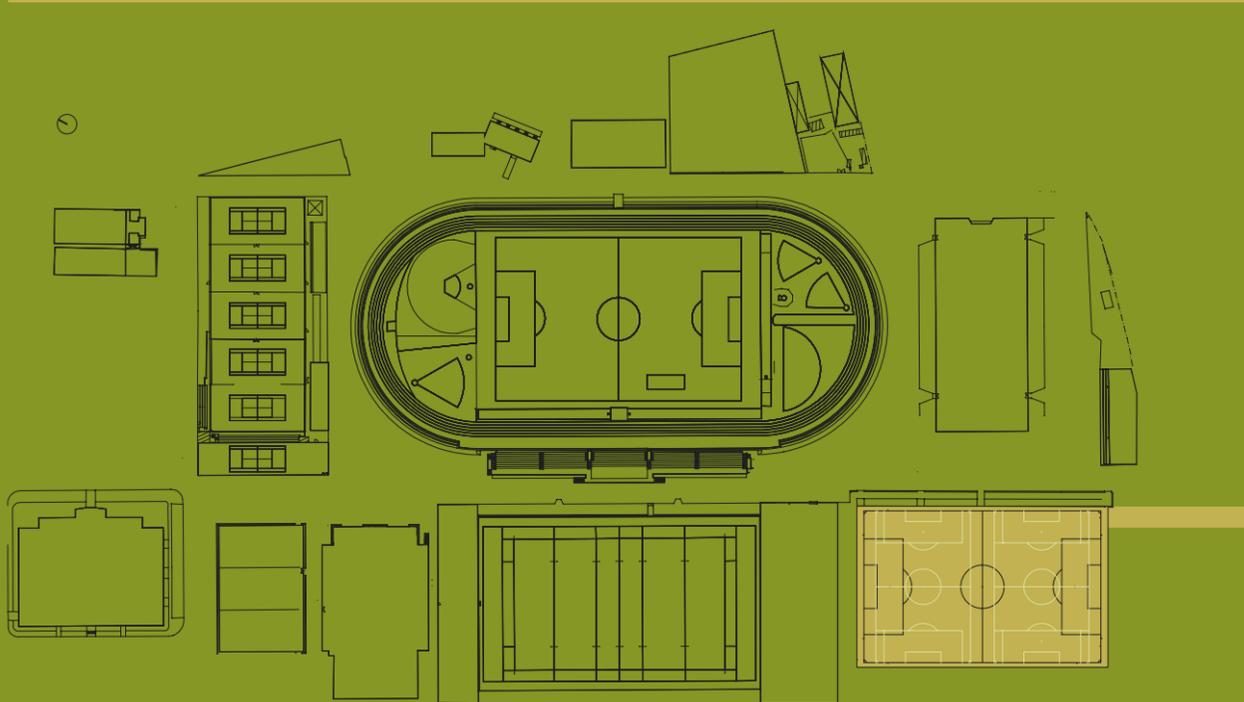
ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE COIMBRA

a prática desportiva na universidade e na cidade

- | | | | |
|-----------------|----------------|------------------|----------------|
| ANDEBOL | CULTURA FÍSICA | HALTEROFILIA | RUGBY |
| ATLETISMO | DEFESA PESSOAL | HÓQUEI EM PATINS | TÉNIS EM CAMPO |
| BADMINTON | FUTEBOL 7 | JUDO | TIRO COM ARCO |
| BASQUETEBOL | FUTEBOL 11 | KARATÉ | VOLEIBOL |
| BOXE | FUTSAL | ESCALADA | |
| CONDIÇÃO FÍSICA | GINÁSTICA | RADIOMODELISMO | |



CAMPO SUL _UM NOVO ESPAÇO
futebol 7 e futebol 11



www.uc.pt/estadiouniversitario



RUA LARGA

5 2 | 5 3

L E G A D O S

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício
Sara Baptista

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua da Ilha, 1
3000-214 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 247 170
Email: impressauc@uc.pt

IMPRESSÃO
Gráfica Diário do Porto, Lda.

TIRAGEM
1500 ex.

ISSN
1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA
Paço das Escolas, Universidade de Coimbra

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

EDITORIAL

O Património de uma Universidade
nos Caminhos do Futuro - P.05
João Gabriel Silva

PATRIMÓNIO

Valorização e recuperação
do Paço das Escolas
e do Colégio das Artes:
pensar a parte com sentido do todo - P.06
Vitor Murtinho

A Porta Férrea
da Universidade de Coimbra - P.15
Maria de Lurdes Craveiro, Luísa Trindade

ENTREVISTA
António Filipe Pimentel - P.18
Marta Poiares

Da Troika a Leslie - P.24
Vitor Murtinho

Reabilitação
das Estufas Tropicais
do Jardim Botânico
da Universidade de Coimbra:
um laboratório de atmosferas - P.39
João Mendes Ribeiro

Diálogo intercultural
em patrimónios
de influência portuguesa - P.42
Walter Rossa

Nos dez anos dos Estatutos da
Universidade de Coimbra - P.44
João Filipe Queiró

DESPORTO UNIVERSITÁRIO

Os Jogos Europeus Universitários
Coimbra 2018 - P.49
Mário Santos

De volta ao Estádio:
as instalações desportivas da cidade
universitária de Coimbra - P.54

Para além da utopia:
pensar a identidade do desporto
universitário a partir dos Jogos Europeus
Universitários Coimbra 2018 - P.56
António Barros

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Dupla de sangue, suor e lágrimas - P.62
Marta Poiares

criação literária
O nadador de sonhos - P.64
Nuno Carrilho

●
LUGARDOS LIVROS
Prémio Joaquim de Carvalho 2018
Alguns Homens do Meu Tempo
e Outras Memórias de
Jaime Batalha Reis (2017) - P.70
Elza Miné

CAMINHOS
21.ª Semana Cultural
da UC - P.72

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

DIÁLOGO INTERCULTURAL EM PATRIMÓNIOS DE INFLUÊNCIA PORTUGUESA

WALTER ROSSA *

O uso dos bens que cada um tem varia entre os que possuímos e guardamos quase até ao esquecimento, e aqueles que usamos tão intensamente que também quase nos esquecemos que são isso mesmo, um bem que temos. Pelo meio, situa-se um sem número de outros cuja participação, mais ou menos consciente na nossa vida, varia ao sabor das solicitações do quotidiano. Arrisco generalizar que a valorização que fazemos de cada um dos bens que temos é diretamente inversa à intensidade com que os vivemos, a não ser que algo nos desperte para essa valorização. Não é (nem tem de ser) sempre assim, mas é frequente isso ocorrer quando algo os coloca em risco. Acordamos para esse bem e reagimos, o que é o primeiro estádio da sua valorização. Também temos essa reação quando constatamos ter algo equiparável ao que outros valorizaram, viram desaparecer ou salvaram do risco. Quando essas reações são partilhadas por outrem inicia-se um *diálogo* através do bem em questão. O reconhecimento coletivo de valor(es) a um bem é a base potencial para a sua patrimonialização. O que se segue não é, porém, simples, uma vez que o processo até ao compromisso sobre os valores e a sua caracterização é árduo, pois muitas outras ordens de valores entram em jogo – até os inconfessáveis. Mais complicado é ainda quando o coletivo em causa é composto por subgrupos com linguagens diversas e, se saltarmos fronteiras, nações ou regimes, esse processo de concertação tende a passar do complicado ao complexo, confirmando-se uma espiral de prevalência centrífuga que conduz à exasperação, desistência e desintegração da ação, ficando o bem em risco. O que significa que não foi demonstrado ser a sua valia suficientemente forte para agregar e somar, num todo, vontades débeis, ou seja, para se imporem os seus valores, designadamente o *intercultural*. A perda de bens é uma coisa banal do passado,

e assim continuará no futuro, sendo essa opção, mais ou menos consciente, uma marca cultural, uma herança negativa eventualmente censurável ou celebrável em tempos com outras configurações de contexto.

Continuando a abusar da mesma família de princípios da Física para a construção desta espécie de alegoria em torno da salvaguarda dos bens, sabemos que a única forma de o movimento em espiral se converter em circular é fazendo com que a força centrípeta equilibre a centrífuga, ou seja, que o movimento que visa gerar a valorização do bem e, conseqüentemente, a sua patrimonialização, seja tão forte quanto o que o que pode desagregar. Se evoluir de forma a que a força centrípeta seja mais forte que a centrífuga, o movimento voltará à espiral, mas convergindo para o bem. Ou seja, a patrimonialização (ou não) de um bem consiste no resultado do jogo de forças entre o(s) valor(es) gerado(s) em torno dele. No fundo, com pouco mais de um século, a evolução das teorias sobre o património cultural tem sido uma árdua e longa aprendizagem sobre a composição dessa força centrípeta desde múltiplas forças débeis, evoluindo das grandes exceções cujo valor era reconhecido por uma elite, para uma extraordinária diversidade de bens com valores reconhecidos por grupos muito alargados e variados, com uma clara explosão no fim da modernidade.

Essa aparente vulgarização da patrimonialização de bens ocorreu a par da gradual tomada de consciência de que os recursos da Terra são finitos, e da revolução tecnológica que, aumentando exponencialmente as possibilidades de comunicação, alterou a forma de formação de comunidades de interesse e reconhecimento em torno dos bens. Lidamos constantemente, e sobre exemplos à escala global, com conceitos e questões transdisciplinares que se cruzam, interagem e constantemente evoluem como (entre muitos outros, alguns dos que sempre estão presentes nos processos de patrimonialização) sustentabilidade, memória, representação, identidade, comunidade, ressignificação, autenticidade, transformação, desenvolvimento, desigualdade, acesso, inclusão, formação e informação, reconciliação, pertença e obrigação de tutela dos recursos e bens, etc., guiando-nos por um vago consenso ético de que o seu uso deve seguir critérios de valorização e potencialização, não de degradação. É também consensual que o conflito destrói e o compromisso desenvolve recursos e/ou bens. Dramático é os conflitos terem como móbil, por regra, o seu controle, quando invariavelmente acabam por degradá-los.

Assim se vislumbra no património cultural – uma emanação das forças débeis que se geram a partir do reconhecimento de um coletivo num bem ou conjunto

de bens – uma força motriz de vanguarda na geração de compromissos nas mais diversas escalas e âmbitos. E, talvez mais relevante, até porque o sabemos desde os períodos de prosperidade das grandes civilizações da Antiguidade, promovendo a cultura como base sustentada de construção de laços e pontes de *diálogo*, ou seja, de construção de bases para a paz. Mais do que uma conversa entre pessoas, *diálogo* é uma forma de comunicação em que todos os intervenientes reconhecem os outros como parceiros interessados nos temas em questão, admitindo tacitamente que se não houvesse diferenças não haveria razões para dialogar. Os processos de patrimonialização de um bem com valores de mais do que uma comunidade são processos de *diálogo intercultural*, no qual as questões da pertença, tutela, soberania – por imposição do próprio étimo, património é algo que só se transmite por *herança* ou *legado* e de que apenas o usufruto é suscetível de *partilha* - não excluem o reconhecimento do direito de outros a formas e expressões de empatia.

A escolha das palavras é, de facto, crucial na expressão do pensamento, sobretudo em contextos de grande sensibilidade política. Quando confrontado, com outros colegas do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Margarida Calafate Ribeiro, Paulo Varela Gomes, António Sousa Ribeiro), sobre como designar um conjunto de ações, entre as quais um curso de doutoramento, que começamos a delinear em 2009, deparámo-nos com um conjunto de termos correntemente usados em situações similares (origem, matriz, raiz, inspiração), absolutamente contra a perspetiva de que, seguindo o meu ponto de vista, procurei sintetizar acima. São termos que excluem o papel do outro, o multidirecionalismo das relações norte-sul, as resultantes de movimentos de subjugação implícitos nos fenómenos de emigração, o carácter dinâmico dos objetos de estudo, e apontam para leituras convergentes no lusotropicalismo, por conseguintes suavizadoras dos iníquos e cruéis velhos processos, e das novas formas de dominação (pós)colonial.

Foi assim que, entre algumas escassas hipóteses, se nos impôs a palavra *influência*, pois foi com o seu relativismo e elasticidade que pretendemos avançar com a proposta de investigação interdisciplinar sobre os bens que, do ponto de vista do património cultural (arquitetura, arte, língua, literatura, paisagem, território), suscitam convergências no reconhecimento de valores comuns às comunidades e territórios onde existiu - ou ainda existem - formas de presença portuguesa. Mas não seria, nem é a presença portuguesa o objeto, apenas as resultantes comuns por ela geradas nos espaços e nas gentes, no fundo meios para o estabelecimento de *diálogos interculturais*.

O doutoramento em *Patrimónios de Influência Portuguesa*, com os ramos *Estudos Culturais e Arquitetura e Urbanismo*, foi lançado em 2010 pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar e Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), tendo decorrido quatro edições e estando concluídas oito teses. Em 2014, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, evoluiu para uma rede que integra mais cinco universidades (Bolonha, Federal Fluminense, Eduardo Mondlane, Paris Nanterre e Algarve) e lançou várias iniciativas que o têm vindo a instituir como um *think tank* da cooperação para o desenvolvimento na sua temática. Além do apoio já referido, também o Instituto Camões tem reconhecido os resultados do *Patrimónios*, quer na cultura, quer na cooperação. A sua instalação e percurso acompanharam e foram-se integrando com ações estratégicas da Universidade de Coimbra (UC) do mesmo âmbito, como, por exemplo, o projeto *AltaSophia* (2014-2015) e, essencialmente, com o processo que levou, em 2013, à sua inscrição na Lista do Património Mundial da UNESCO, mas também com o muito bem-sucedido esforço de internacionalização e cativação de estudantes no espaço de cultura e investigação em Português.

Foi nessa dinâmica e alinhamento estratégicos que a Reitoria da UC lançou à coordenação do *Patrimónios* o desafio de, com ela e a Comissão Nacional da UNESCO, formularem o projeto de criação da *Cátedra UNESCO em Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa*, que aquele organismo das Nações Unidas aprovou em junho passado. A sua rede inclui os parceiros já referidos e, ainda, a Universidade Lúrio e a MEIA, Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura de Mindelo. Os procedimentos burocráticos ficaram concluídos no verão e foi há pouco iniciada a sua instalação, que deverá ser concluída e formalmente anunciada em breve.

Não são estes o momento e o lugar para listar o que, entretanto, já se fez e o que se planeia concretizar. Deve, contudo, registar-se que o fomento e a cooperação no âmbito da capacitação, formação e investigação através do património cultural são os seus propósitos estruturantes, em linha com os *Objetivos Estratégicos* e a *Agenda 2030 para a Educação* da UNESCO e, em geral, com os *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* da *Agenda 2030* das Nações Unidas. O conhecimento é, talvez, o único bem que não se consegue tirar ao indivíduo que o adquiriu, sendo assim não só intrinsecamente resiliente como sustentável. O conhecimento foi e será sempre o futuro; foi e poderá ser sempre também em português.

* Investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra